



7. JOSÉ ENRIQUE RODÓ E MONTEIRO LOBATO: APROXIMAÇÕES E DIFERENCIAÇÕES ENTRE SEUS PENSAMENTOS E PROJETOS PARA O BRASIL E PARA A AMÉRICA LATINA

GT - 01

*Elisângela da Silva Santos**

Resumo

Concentrando o estudo sobre a produção de Monteiro Lobato e José Enrique Rodó, este trabalho almeja discutir comparativamente as propostas destes pensadores no que concerne a uma idéia de nação, no caso de Lobato, e a uma idéia de continente latino unido culturalmente e politicamente na proposta de Rodó. Desta forma, colocaremos em questão as teses e projetos destes dois pensadores, cujas discussões abrangem da crítica literária e estética à crítica a falta de educação, ausência do apego a ciência e ao progresso, a formação da juventude. Tomaremos o chamado pensamento social latino-americano como uma esfera de estudos que não se restringe à um exercício de investigação histórico-temporal e sim uma forma de mobilizar autores, temas e idéias, que obedece aos diferentes/semelhantes processos de modernização pelos quais Brasil e Uruguai passaram, e que foram analisadas por pensadores que, no seu tempo, colocaram questões que ainda hoje fazem parte de preocupações e debates do nosso continente.

Palavras-chave: Brasil; Uruguai; intelectuais; sociedade; cultura

Resumen

Prestar especial atención el estudio sobre la producción de Monteiro Lobato y José Enrique Rodó, este trabajo tiene como objetivo discutir comparativamente las propuestas de estos pensadores con respecto a una idea de nación, donde Lobato, y la idea de un continente unido América culturalmente y políticamente en Rodó propuesta. Por lo tanto, pone en cuestión las teorías y diseños de estos dos pensadores, cuyos debates incluyen la crítica literaria y estética a la crítica de la falta de educación, la falta de compromiso con la ciencia y el progreso, la formación de la juventud. Vamos a tomar el pensamiento de América Latina los llamados social como ámbito de estudio que no se limita a un ejercicio de investigación histórica-temporal, sino una forma de movilizar a los autores, temas e ideas, que responda a las diferentes / procesos similares de modernización para el que Brasil y Uruguay comenzó, y se analizaron por pensadores que, en su tiempo, planteó cuestiones que aún son parte de los debates y las preocupaciones de nuestro continente.

Palabras clave: Brasil; Uruguay; intelectuales; sociedad; cultura

* Aluna do Programa de Pós-Graduação (Doutorado) da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp/Marília. Atualmente desenvolve pesquisa sobre o pensamento social latino-americano, em autores como o brasileiro Monteiro Lobato e o Uruguaio José Enrique Rodó, sob financiamento da Capes.



América Latina, Globalização e Cultura

Pressupondo uma profunda conexão – em que pese as suas também profundas diferenças – entre os processos sociais e as dinâmicas culturais, políticas e estéticas na América Latina, este texto tem o objetivo de realizar uma análise comparativa entre o pensamento e projeto de nação do brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948) e o do uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), considerando a “primeira fase” de produção de Lobato como crítico de arte, cronista e contista, e a produção de Rodó também como crítico de arte, escritor, pensador de cultura, política e sociedade.

Percebemos que existe uma distância grande entre as datas de morte destes autores, porém é válido advertir que Rodó morreu muito cedo, com 46 anos de idade, interrompendo uma produção intelectual consagrada e bastante divulgada. Lobato morreu aos 66 anos de idade e estes anos a mais em relação a Rodó lhe conferiram uma produção intensa e extensa, que compreende desde a literatura adulta até a infantil. A disposição de discutir dois pensadores que de alguma forma viveram em tempos um pouco distintos pode ser fundamentada na perspectiva de Mannheim, quando este autor observa que a participação em uma “herança cultural comum” tende progressivamente a suprimir as diferenças de nascimento, *status*, profissão e riqueza, e a unir os indivíduos instruídos com base na educação recebida.

Dessa forma, tomaremos o chamado pensamento social latino-americano como uma esfera de estudos que não se restringe à um exercício de investigação histórico-temporal e sim uma forma de mobilizar autores, temas e idéias, que muito embora não tenham sido pensadas concomitantemente, obedecem aos diferentes/semelhantes processos de modernização pelos quais Brasil e Uruguai passaram, e que foram analisadas por pensadores que, no seu tempo, colocaram questões que ainda hoje fazem parte de preocupações e debates do nosso continente.

Conforme Regina Crespo (2006), a distância político-cultural que ainda prevalece entre o Brasil e os países hispano-americanos vem sendo paulatinamente diminuída na atualidade, no plano político, principalmente com a formação dos blocos econômicos. No plano específico do pensamento social, esta distância se mantém, mas é possível observar que os intelectuais latino-americanos têm compartilhado historicamente a preocupação em refletir temas continentais e mundiais.

José Enrique Rodó nasceu em Montevideu, era o sétimo filho de uma família com boas condições financeiras. Seu pai também pertenceu à burguesia culta da época e morreu quando Rodó completara 14 anos, o que o obrigara a trabalhar cedo. Entre 1883 e 1895, Rodó





América Latina, Globalização e Cultura

ofereceu suas primeiras contribuições como escritor para os jornais *Los primeros Albores* e para *Montivideo Noticioso*. Em 1895, já estava pronto para ingressar na vida literária do país e, neste ano, juntamente com o amigo e futuro biógrafo, Victor Pérez Petit (1871-1947), criou e manteve por três anos a *Revista Nacional de Literatura y Ciencias Sociales*.

Segundo Mário Benedetti (19__), esta publicação não era importante apenas para Rodó, mas também para a vida literária do Uruguai e de todos os países hispânicos. Foi esta Revista que lançou definitivamente este autor no continente Latino-americano como um pensador de renome, e foi considerada o veículo mais importante para desenvolver o talento de Rodó como ensaísta e crítico, muitos ensaios ali publicados foram incorporados no livro *El mirador do Próspero* (1913). Seu livro *Ariel* (1900), onde se preocupou em apontar temas sobre a realidade cultural e social da América Latina, corresponde à sua obra mais conhecida e citada.

Quanto ao pensador brasileiro, Monteiro Lobato, este nasceu em 1882 em Taubaté, interior de São Paulo. Em 1900 ingressou na Faculdade de Direito, foi reconhecido como neto do Visconde de Tremembé, cuja situação econômica refletia o processo de transformações decorrentes da crise do trabalho escravo e a decadência da economia cafeeira do Vale do Paraíba. Aos 18 anos, Lobato

demonstrava-se bastante interessado por temas literários e sociais, e como crítico de nossa estrutura agrária escreveu o conto *Café, Café* (1900), reunido em *Cidades Mortas*, livro lançado 1921, onde ridicularizava a mentalidade petrificada do fazendeiro que não investia em outra coisa a não ser na cultura cafeeira.

Mas, já no ano de 1914, Lobato passou a ser conhecido como escritor ao iniciar sua contribuição para o jornal *O Estado de São Paulo*, cujo artigo mais famoso é o intitulado *Uma velha Praga*. Entretanto, se considerarmos as correspondências trocadas entre ele e o amigo Godofredo Rangel, perceberemos antes desta data um sólido pensamento artístico crítico, ou seja, uma espécie de “preparação” para projetos futuros. Em 1916, Lobato também participou da criação da *Revista do Brasil*, e a partir de 1918 tornou-se proprietário e editor. Foi neste veículo que iniciou o registro de suas preocupações nacionalistas.

Citando novamente Crespo (2006), a autora fala que em meados do século XIX era possível identificar em grande parte da América Latina a presença de um processo de modernização (social, econômica, política e institucional), ainda que diferenciada e menos intenso que o Europeu. A necessidade de compreender como os países do continente deveriam se inserir num mundo em acelerada transformação fez com que,





América Latina, Globalização e Cultura

para muitos, a tônica explicativa geral se concentrasse basicamente em projetos identitários, organizados em torno do Estado Nacional.

Estes projetos geraram modelos explicativos, baseados em parâmetros possíveis de generalização, como um espaço mínimo para as reivindicações locais ou regionais. Esta generalização acabou sendo aplicada à construção de visões unitárias da América Latina, apesar das notórias diferenças locais, regionais e internacionais. Mas, a dicotomia entre progresso e atraso, civilização e barbárie, liderou grande parte do debate intelectual dos finais do século XIX e início do XX.

No período em que ambos os autores viveram e produziram, existia a hegemonia da cultura europeia diante do “vazio” cultural sul-americano. Entretanto, os Estados Unidos despontavam como novo modelo econômico e cultural, por isso o embate travado entre muitos autores latinos se pautava na idéia de qual seria o modelo social a ser seguido, o norte-americano, ou o Europeu.

Neste aspecto podemos perceber uma diferença marcante entre Rodó e Lobato. Em *Ariel* (1900), Rodó afirmou que os Estados Unidos poderiam ser considerados a encarnação do verbete utilitário e advertia sobre o defeito de uma civilização que não teria outros objetivos

além da tecnologia e a força material:

Fortes, tenazes, encarando a inação como um opróbrio colocaram nas mãos do *mechanic* de suas fábricas e do *farmer* de seus campos, a clava hercúlea do mito, dando ao gênio humano uma nova e inesperada beleza presa ao avental de couro do forjador. Cada um deles avança à conquista da vida, como os primitivos puritanos o faziam quanto aos desertos (RODÓ, 1991, p. 95).

Rodó alertou contra os entusiastas do modelo norte-americano que desejavam “uma América deslatinizada por vontade própria, sem a extorsão da conquista e logo renegada à imagem e semelhança do arquétipo do norte”.

Conforme Fábio Muruci dos Santos (2003), a utopia da regeneração ibero-americana, ou “latino-americana”, se desenvolveria, pelo menos de forma provisória, pela negação do americanismo; Rodó investiu na idéia de que a cultura europeia era necessária para estabelecer os perfis da originalidade cultural da América, uma vez que representava a grande “calda da cultura letrada”. Para Rufinelli (1995): “El sujeto rodoniano pensava com cerebro francés, se había educado em España, poseía uma cultura cosmopolita y miraba hacia um futuro eurocéntrico” (RUFINELLI, 1995, p. 41).

Rodó se mostrava favorável a uma espiritualização americana, apesar de o continente americano ser jovem e ter de





América Latina, Globalização e Cultura

sair em busca de um equilíbrio entre o novo e o velho, a novidade e a tradição, o material e o ideal:

[...] ya advertid que cuando, en nombre de los derechos del espíritu, niego al utilitarismo norteamericano ese carácter típico con que quiere imponérsenos como suma y modelo de civilización, no es mi propósito afirmar que la obra realizada por el haya de ser enteramente perdida con relación a los que podríamos llamar los intereses del alma (RODÓ *apud* RUFINELLI, 1995, p. 24).

Diferentemente de Rodó¹, Lobato sempre mostrou grande admiração pelos Estados Unidos, desde a filosofia, a vida política e econômica, até a cultura deste país. Considerava que a Europa cansada já não poderia mais oferecer modelos a serem seguidos. Em seu texto “A arte Americana”², adverte:

Os Estados Unidos eram acusados de não ter arte. E de fato, povo adolescente, a formar-se em terra nova com a fina flor eugênica das boas raças européias, e, pois, o núcleo humano mais rico em calores que ainda surgiu sobre o planeta, era estranho que em matéria artística permanecesse aquém da caduca Européia [...]. A arte americana abre, areja, ventila, fortifica, fecunda o cérebro da humanidade em bloco. Não mais fronteiras, nem a muralha das línguas. É a música nova – a música do movimento. E é sobretudo, o amanhã... (LOBATO, 1957, pp. 117 e 121).

Lobato também era grande admirador das técnicas norte-americanas de controle do trabalho, suas sugestões, segundo Campos (1986), se pautavam

em princípios tayloristas. A falta de racionalidade do trabalho em solo nacional recebeu a sua crítica mais acabada na figura do personagem Jeca Tatu, símbolo do trabalho não objetivo, do atraso econômico político e mental que deveria ser vencido. Desta forma, um dos princípios básicos do pensamento Lobatiano começava a ganhar forma: o progresso.

Apesar desta diferença ressaltada entre os autores, percebemos que a procura por modelos culturais, econômicos, históricos e sociais a serem seguidos por seus diferentes países se pautava num ponto em comum: formar o sentimento de nacionalidade, no caso de Lobato, e em Rodó o ensejo de se formar o sentimento hispanoamericano, contribuir para arraigar na consciência do povo a idéia de uma “América Nuestra”, com força comum, como alma indivisível, pátria única. A publicação de *Ariel* desencadeou este “clima ideológico” de reivindicação da latinidade. Em Lobato, o desejo era a formação de uma nacionalidade própria, construída a partir dos elementos locais, este seria o verdadeiro progresso da pátria.

É justamente neste aspecto que reside a principal hipótese do nosso trabalho, a de que em ambos os autores percebemos um empenho – através da literatura – em consolidar um projeto de formação de país. Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira* insistiu





América Latina, Globalização e Cultura

na idéia que a “tomada de consciência”, o “aspecto empenhado” das obras são dimensões fundamentais do processo formativo da nossa literatura; e conforme Arruda (2004), “[...] a formação do pensamento brasileiro acaba por coincidir com a constituição de uma intelectualidade de corte modernista, identificada com as questões do país e dedicada à construção da sociedade moderna neste lado do mundo. A temática da formação refere-se, em suma, à própria consolidação do campo intelectual no Brasil” (ARRUDA, 2004, p.111).

Portanto, é seguindo essa perspectiva da formação que podemos ler Rodó e Lobato como representantes de uma literatura socialmente direcionada, onde pensaram a forma como seus países estavam organizados. A nossa intenção é partir da idéia da *Literatura de Formação*³ para perceber qual modelo de país esses autores desenharam quando escreviam este tipo de literatura de empenho público e político.

Os diagnósticos inexoráveis feitos por ambos em relação à necessidade da educação para nossos jovens, também encarada como obrigação do Estado, demonstrava que as Reformas Sociais na América Latina eram imprescindíveis para a formação completa e prática do cidadão. Portanto, a idéia de projeto nacional vinculava-se à idéia de formação dos cidadãos que fariam parte dessa

projeção. A necessidade de uma liderança pragmática e atuante por parte dos nossos jovens é ressaltada por ambos.

Em Lobato esta postura está bastante demarcada em seus livros infantis. Como crítico dos conhecimentos da nossa elite rural – uma vez que não podemos falar da existência de uma aristocracia no Brasil com o mesmo rigor que o termo é utilizado no contexto europeu – em seus livros prioriza um saber voltado para a prática e aperfeiçoamento da criança, visando-a como a “humanidade do amanhã”. Diferentemente do contexto europeu, a nossa incipiente burguesia não havia se consolidado como classe independente, e é por isso que nas obras deste autor não encontramos uma separação nítida entre o conhecimento da elite e o conhecimento burguês. Em uma entrevista, Lobato fala da importância do ensino científico, técnico ao invés do ensino clássico e humanitário:

A vitória da ciência no mundo moderno é absoluta; e o dilema, inexorável: ou um povo cultiva a ciência e vence ou permanece no empirismo dos avós e desaparece. E por que é assim? Porque só a ciência dá eficiência ao homem – e é pela eficiência que tanto o indivíduo como os povos sobrevivem e vencem na competição. E que é eficiência? É fazer ponta num lápis com um canivete bem amolado, em vez duma faca de mesa sem corte (LOBATO, 1957, p. 184).

Em Rodó, também percebemos que a juventude é encarada como sinôni-





América Latina, Globalização e Cultura

mo do futuro:

É na escola, por cujas mãos tentamos que passe a dura argila da multidão, que se situa a primeira e mais generosa manifestação da equidade social, que consagra para todos a acessibilidade ao saber e aos mais eficazes instrumentos de superioridade. Ela deve completar tão nobre propósito, tomando como alvos de uma educação preferencial e cuidadosa o sentido da ordem, a idéia e o desejo de justiça, e a consciência das legítimas autoridades morais (RODÓ, 1991, pp. 80-1).

Conforme José Pedro Segundo & Carlos Sabat Ecasty (1954), *Ariel* é um programa de educação social, uma regra de moral coletiva, um guia de fé otimista, uma síntese hispano-americana de ações e anseios, um compendio magistral de experimentos e ideais na realidade do novo-mundo: “[...] é uma pedagogia política, de bloco, de conjunto, que primeiro se dirige à sociedade, para depois, indiretamente, influir sobre o indivíduo” (ECASTY & SEGUNDO, 1954, p. 86).

Os escritos de Rodó e os de Lobato enfocam uma juventude ainda não formada, e sim em processo: a efetiva realização de sua totalidade humana é projetada no futuro e sua existência apresenta-se como um “estar a caminho” rumo a uma maestria ou sabedoria de vida.

Considerando o empenho em oferecer aos seus respectivos países um *status* diferente da “barbárie” e do “atraso” – no qual as metrópoles culturais e as próprias

elites nacionais os enquadravam –, assim como a especificidade histórica sob a qual escreveram, podemos dizer que tais fatores contribuíram para transformar Rodó e Lobato em homens públicos, além de direcionar suas preocupações ao tema da educação e do aprimoramento cultural da população, aprimoramento cultural num sentido amplo, que perpassaria a economia, a ação política, científica e cidadã – isto é, no verdadeiro sentido iluminista. Este “desconforto” fez com que se criasse uma necessidade de tomar posições, elaborar projetos, escrever cartas, manifestos, artigos, etc, enfim, de alertar a sociedade.

Portanto, pensar a idéia de *formação* presente nestes autores, significa também refletir sobre os temas do momento que geraram uma interlocução comum entre ambos, que tentaremos ressaltar nesta pesquisa. O sentido de formação ligada ao indivíduo não estava claro, uma vez que esses autores falaram a partir de especificidades históricas, ou seja, a partir do modelo patriarcal, agrário exportador, do caudilhismo e da escravidão. Deste modo, o próprio esforço de ambos se inscreve num contexto bastante complexo, que deve ser considerado em processo, o que nos sugere como consequência hoje, as muitas aparentes e ressaltadas ambigüidades dos seus discursos.

Nesse sentido, num ponto essencial da produção de ambos os autores as





América Latina, Globalização e Cultura

idéias coincidem: a perspectiva de que houvesse uma juventude que pudesse seguir em frente com as propostas que começavam a emergir na América Latina do final do século XIX e início do XX.

Deste modo, a aposta para a realização deste objetivo também se pautava na educação. O analfabetismo, segundo Rodó significava uma “praga continental”. Em *Ariel* (1900) percebemos o elogio à juventude, que deveria dar valor a si mesma e à vida, já que esta significaria a renovação: “O espírito da juventude é terreno generoso onde a semente de uma palavra oportuna costuma gerar, em pouco tempo, os frutos de uma imortal vegetação” (RODÓ, 1957, p. 203). Assim o papel de promover uma “evolução” das idéias, de fazer com que o racionalismo e a inteligência predominassem ficaria a cargo da juventude. Esta deveria envolver-se na batalha para a renovação e produção de novas idéias na América Latina, promovendo uma verdadeira renovação cultural:

Todo problema proposto ao pensamento humano pela dúvida toda sincera recriminação que, do seio do desalento e da dor, se lance a Deus ou Natureza, têm o direito de chegar à nossa consciência e de serem enfrentados por nós [...] acredito ver exprimir-se, por toda parte, a necessidade de que uma ativa revelação de forças novas; creio que a América necessita enormemente da sua juventude (RODÓ, 1957, pp. 207-8).

Rodó, ao contrário de Lobato, não se dedicou à literatura infantil de modo

abrangente, porém expressa sua crença na criança no conto *TAL*: “Ah, si em el transcurso de la vida todos imitáran al niño! Si ante los limites que pone sucesivamente la fatalidad a nuestro propósito, nuestras esperanzas y nuestros sueños, hiciéramos todo como él!” (RODÓ, 1979, p. 23).⁴

Lobato, foi um dos autores mais consagrados no Brasil em relação ao gênero infantil e tinha como idéia principal a nacionalização das fábulas, histórias e mitos, construindo ao mesmo tempo uma literatura atuante para as crianças, onde elas, representadas por Narizinho, Emília e Pedrinho, lessem a história de uma nação a ser consolidada no futuro, de modo próspero e seguindo uma perspectiva modernizante.

Esse aspecto, a crença na geração do *porvir*, é presente em ambos os autores. Aqui fica explícita uma idéia que se relaciona à visão de seus respectivos países: as condições históricas, econômicas, sociais e intelectuais, sob as quais viviam, deveriam ser alteradas e os únicos agentes capazes de tal tarefa seriam os jovens. Portanto, para nos escritos de ambos, a crença no futuro de seus jovens países, os quais cresceriam e desenvolveriam concomitantemente à geração mais nova. Em Lobato lemos a seguinte idéia em relação à educação: “A criança é a humanidade de amanhã. No dia em que isto se transformar num axioma – não dos repe-





América Latina, Globalização e Cultura

tidos decoradamente, mas dos sentidos no fundo da alma – a arte de educar as crianças passará a ser mais intensa preocupação do homem” (LOBATO, 1959, p. 249).

A educação aqui referida em ambos os pensadores abrangia a capacidade de desenvolver na população uma cultura artística e racional, já que os contextos sob os quais produziram seus ensaios eram marcados pelo “analfabetismo” e “debilidade cultural”, porém, como homens ligados às expressões culturais, propuseram que a cultura estética desse ser de interesse de todos. Em Rodó percebemos uma certa advertência ligada à produção cultural Latina quando afirmava que a América atual se mostrava um solo “pouco generoso” em relação à arte, pois negada a poesia do “homem primitivo” e também o refinamento, a América parecia condenada sempre ao “excêntrico”.

Exemplo dessas posições relacionadas à arte, são suas polêmicas participações nos movimentos modernistas que atingiram seus círculos de atuação. Em trabalhos publicados na Revista *Nacional de literatura y ciencias sociais*, como *La Vida Nueva* e *El que vendrá* (1896), Rodó afirmou criticamente que o poeta Rubem Darío (1867-1916) não representava a poesia do continente latino pois esta era marcada pelo exotismo e a América necessitava de uma lingua-

gem mais independente dos modelos já consolidados. Não deixava de admirar as qualidades de Darío, porém afirmava que o “toque local” não estava representado nesta poesia. Na visão de Rodó, Darío evocava sempre uma obsessão pela Europa, especificamente pela França (cf. RUFINELLI, 1995 e ROCCA, 2001)⁵.

Sobre esta oscilação da tradição hispânica entre os valores locais e os externos, lemos em *Ariel*:

Ouvireis dizer, talvez, que não existe uma feição característica e própria, por cuja permanência ou integridade se deva lutar, na atual organização de nossos povos. Quiçá falte, em nosso caráter coletivo, os seguros contornos da “personalidade”. Porém, na ausência desta índole perfeitamente diferenciada e autônoma, talvez tenhamos – nós, os americanos latinos – uma herança de raça, uma grande tradição étnica a manter, um vínculo sagrado que nos une às páginas imortais da História, confiando à nossa honra sua continuidade no futuro. *O cosmopolitismo, que devemos acatar como uma irresistível necessidade de nossa formação, não exclui este sentimento de fidelidade ao passado, nem a força norteadora e plasmante, com que o gênio da raça deve impor-se na refusão dos elementos que constituirão o americano definitivo do porvir [...].* América necessitava manter, no presente, a dualidade original de sua constituição, que converte em realidade de sua história e mito clássico das duas águias soltas simultaneamente de um outro pólo do mundo, para que chegassem no mesmo momento ao limite de seus domínios (RODÓ, 1991, pp. 92-3, grifos nossos).

Rodó entendia que o homem deveria oferecer a si mesmo uma imagem





América Latina, Globalização e Cultura

criadora, ou seja, o idealismo e superficialidade eram as marcas da poesia de Darío, uma vez que estava separado daquilo que ocorria ao seu redor. Segundo Maldonado (1968), Rodó aspirou um presente na América que pudesse se derivar num futuro que priorizasse a individualidade nacional, e que o homem hispano-americano tivesse a consciência do que deveria ser o destino Americano em função de sua continuidade histórica.

Como lemos na citação anterior, o passado não deixava de ser uma referência, a “fidelidade ao passado” seria um dos definidores do futuro americano. Em *O espelho de Próspero* (1913), Rodó explicou a influência europeia na América e a necessidade de adotar-se a arte europeia de forma modificada, e adaptar às necessidades dos povos americanos, ou seja, não há ruptura com as heranças da “cultura original”, mas uma devolução original daquilo que fora herdado.

O ato de “ser algo” próprio e ter um “caráter pessoal” eram alguns pontos principais no pensamento de Rodó, e a educação contribuiria para a transformação ordenada e progressiva da personalidade. Portanto, o modernismo para Rodó deveria ser o movimento que apesar das influências europeias, deveria também obedecer o contexto latino, e criar, sem abrir mão da “cultura original do passado”, mas não aderi-la na forma de “cópia”. Seu americanismo literário

pretendia superar as negativas condições do isolamento regional, do desconhecimento do passado, e a falta de estimativas, por isso destinava seu discurso à juventude: “[...] a América mesma como agrupación de pueblos jóvenes, como entidad histórica y cultural de América: cualidad vital de América, ella misma joven” (RODÓ, 1970, p. 20).

Portanto, uma característica interessante que podemos ressaltar do pensamento desse autor, que poderia ser lido como uma característica daquilo que estamos denominando como “projeto”, é que ao mesmo tempo em que não almejou romper com o passado artístico europeu, elegeu a população jovem como uma espécie de condutora da formação do Continente Latino Americano, que na visão do autor, por ser um “continente jovem”, necessitava do aprimoramento e da consolidação de uma cultura própria.

Quanto à polêmica entre Lobato e o grupo modernista, esta foi inicialmente marcada pelas concepções artísticas, aspecto possível de sustentação a partir de diversos episódios, iniciados na década de 1910, que puderam corroborar estes diferentes modos de pensar a arte. O “conflito” foi iniciado em 1917, com a publicação do artigo escrito por Lobato a respeito da exposição de Anita Malfatti. Este artigo, intitulado *Paranóia ou mistificação?* – criticava principalmente a importação de modelos estéticos es-





América Latina, Globalização e Cultura

trangeiros e, como conseqüência disto, a negação de uma arte nacional, que incorporasse nossos temas.

Neste artigo, percebemos como as concepções artísticas lobatianas desse momento divergiam das concepções consideradas modernas no cenário nacional, o que marcaria para sempre as conturbadas relações do grupo modernista com Monteiro Lobato. Este viu na exposição de Malfatti uma espécie de cópia sem sentido para a realidade brasileira.

Os movimentos estéticos europeus representavam estrangeirismos impossíveis de serem adaptados no Brasil e a insistência desta “cópia”, ou “adaptação” para o território nacional, resultaria naquilo que Lobato chamou de *caricatura*, que ao invés de demonstrar a “verdadeira arte”, *a esconde, desnorteia, aparvalha e atordo*a a suposta ingenuidade do espectador. Radicalizando esta idéia, Lobato ironicamente compara a exposição de Malfatti aos desenhos que ocupam as paredes dos manicômios, cuja única diferença estaria no fato de que estes desenhos seriam autênticos, pois mentes transtornadas lhes dariam forma, já a pintura que tenta adaptar as vanguardas européias ao Brasil seria marcada por um fracasso por ser forçada e extravagante.

Além destas críticas em relação à arte moderna, Lobato também criticava a arquitetura da cidade de São Paulo,

que segundo ele era um “carnaval arquitetônico” e, por isso, distante do nosso interior, do homem do campo e da nossa nacionalidade. Sua pergunta de fundo se baseava na questão de quando os artistas brasileiros teriam a coragem de se assumirem como brasileiros efetivos, e de criar a partir disto.

Para ele, os sul-americanos possuíam um “desvio biológico artístico”, pois um artista só seria capaz de crescer na medida em que se nacionalizasse: “a pintura brasileira só deixará de ser um pastiche inconsciente quando se penetrar de que é mister compreender a terra para bem interpretá-la” (LOBATO, 1946, p. 58).

É importante ressaltar que, seguindo essa hipótese da formação, nos escritos desses autores as possibilidades artísticas estão sendo vivenciadas por eles no mesmo momento em que estão sendo formuladas, as críticas e análises estavam sendo feitas a partir da temporalidade presente, o que poderia gerar ambigüidades a serem percebidas posteriormente. No caso de Lobato, o tema da individuação, por exemplo, perpassa a ambigüidade da sua má relação com os modernistas brasileiros, que tentaram imprimir um programa de arte livre, realizada pelo indivíduo que saía do modelo patriarcal, que tentava fugir do provincianismo para recriar a arte em território nacional a partir do espaço urbano e moderno. Lobato





América Latina, Globalização e Cultura

criticou a atuação de alguns modernistas, como foi o caso da pintora Anita Malfatti, entretanto, em outros momentos, reconheceu que a atitude da Semana de Arte Moderna foi muito importante para nossa literatura, que pela primeira vez pensou sobre nossos “estrangeirismos”.

Esses autores atestaram em seus escritos a necessidade da intervenção na realidade, por isso colocaram-se na esfera pública e priorizaram o pensamento livre da sujeição autoritária, nesse sentido, a democracia, aliada ao pensamento científico, seriam pontos de contato que viabilizariam esse tipo de pensamento.

Para Rodó, a democracia e a ciência eram insubstituíveis bases sob as quais se levanta a civilização: “Deve-se pensar em fazer encarnar-se nos sentimentos e costumes do povo, a idéia das subordinações necessárias, a noção das superioridades verdadeiras, o culto consciente e espontâneo de tudo quanto multiplica, aos olhos da razão, a cifra do valor humano” (RODÓ, 1991, p. 80).

Conforme Santos (2003), Rodó estava preocupado em buscar um modelo de ordem política que contivesse os conflitos civis constantes na América Hispânica. No período que produzia suas obras iniciais, o Uruguai passava por um ciclo de revoltas armadas. Em *El Orden*, Rodó afirmou:

Queremos el gobierno efectivo del Partido

Colorado, por el encumbramiento de sus hombres mejores; queremos el régimen de la probidad en el gobierno, que arraigue prácticas honestas e impida peculados; queremos la extinción radical de ese sistema de la usurpación del voto, de la mentira electoral, confesada y alardeada, que nos deprime en nuestra dignidad de pueblo libre y que hará de nosotros – incorporándose definitivamente al organismo de nuestra vida pública, como por derecho consuetudinario – el ludibrio y el escándalo de América. *Queremos sustituir la privanza de los caudillos complacientes con el dominio de los hombres justos y capaces* (RODÓ, *apud* BENEDETTI, S/D, p. 45, grifos nossos).

No pensamento de Lobato, segundo Campos (1986), havia a crença na existência de duas elites no Brasil, a “falsa” e a “verdadeira”. As falsas seriam representadas pelos “falsos industriais” (os proprietários de terras) e os bacharéis (os sábios oficiais). Na visão de Lobato, esta elite estava distanciada dos problemas brasileiros, como por exemplo, a falta de fiscalização da saúde pública, a corrupção, etc.

A “elite verdadeira” seria aquela que realmente enxergava os problemas do nosso território e priorizava a sua solução, ou seja, deveria fazer uma conjugação entre o conhecimento intelectual com a ação: “Eu creio na existência de uma elite moral no Brasil. Apenas admito que está arredada da sua função orgânica. Está à margem, à espera de que a chame. Uma reserva, por enquanto – mas uma bela reserva, creia” (LOBATO,





América Latina, Globalização e Cultura

1948, p. 114).

Para Lobato a “justiça social” dependia diretamente do direito do cidadão de eleger seus governantes, de acordo com a sua consciência, portanto era imprescindível a introdução do voto secreto no país. Além disso, era necessária a instauração da “moralidade administrativa”, ou seja, o acesso das “elites morais verdadeiras” e capazes de governar como representantes da nação, e não a partir dos interesses pessoais. Apenas com o desenvolvimento técnico e científico o país poderia conquistar sua “independência moral”, uma vez que: “Um país tão pobre que necessitava trocar voto por chapéu, nunca poderá alcançar-se à categoria de eleitor” (LOBATO, 1948, p. 114).

Percebemos que em ambos, seguindo esta perspectiva da formação, há uma aposta numa sociedade em termos políticos, que prioriza a democracia, capaz de retirar o controle de seus países das mãos dos caudilhos, dos grandes proprietários rurais e dos bacharéis, e o governo deveria ser exercido por homens justos, capazes e esclarecidos, ou seja, há um ressentimento à nossa herança colonial. O desafio seria a formação de uma sociedade moderna, onde o cidadão tivesse sua individualidade reconhecida, e fosse capacitado para tomar decisões guiadas pela racionalidade e também impessoalidade, daí a defesa no caso de Lobato ao voto secreto.

Antonio Candido (1989) acentua que a literatura sempre foi algo profundamente empenhado na construção e na aquisição de uma consciência nacional, de forma que do ponto de vista histórico-sociológico é indispensável seu estudo. Em *Formação da Literatura Brasileira* (1959), o crítico afirmou que apesar da nossa literatura ser “fraca” e “pobre”, comparada às grandes, é ela que nos exprime. Segundo Maria Armanda do Nascimento Arruda (2004), este método analítico de Candido pode ser transferido para o estudo do pensamento social: “[...] a nossa cultura ‘nos exprime’ e, por isso, a sua revelação nos cabe e é a condição da nossa expressão, dos traços que nos especificam; a tarefa do intelectual brasileiro nutre-se do compromisso com a cultura do seu país, a despeito de reconhecer a sua dimensão acanhada” (ARRUDA, 2004, p. 108).

Portanto, as idéias destes pensadores, que propomos estudar aqui, podem ser encaradas como características vigentes nos contextos vivenciados por eles. Partindo do pressuposto de que nenhuma teoria desenvolvida pode explicar perfeitamente o nosso continente, mas que, talvez, ao elegermos dois autores de diferentes países em processo de modernização, poderemos de certa forma, fazer dialogar vertentes interpretativas que ora se aproximam, ora se distanciam, porém conservam pontos e propostas comuns importantes, sendo talvez aquele que





América Latina, Globalização e Cultura

mais acentua o ponto de contato de seus projetos, a “descoberta da educação”, esta como forma de moldar e formar o caráter dos homens (em seu sentido mais amplo que envolve a formação geral do indivíduo), que está ligada ao conceito de individuação, principalmente no sentido do reconhecimento da especificidade do caráter infantil e juvenil, além do reconhecimento das nossas especificidades e necessidades históricas enquanto Contínente nas possibilidades de concretização das nossas potencialidades.



Referências bibliográficas

ARRUDA, Maria Arminda N. *Pensamento brasileiro e sociologia da cultura: questões de interpretação* in: *Revista Tempo Social*, v. 16, n° 1. São Paulo: junho de 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702004000100006&lng=pt&nrm=iso.

BENEDETTI, Mario. *Rodó, el pionero que quedo atras*. Montivedeo: Ediciones La Republica, 19__.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*.

Rio de Janeiro: Ed. Ouro Sobre Azul, 2007.

CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos Vernis-sages*. São Paulo: Edusp, 1995.

CRESPO, Regina. *Visões de brasileiros sobre a América Latina: do isolamento à integração* in: *Araucária*. Primeiro semestre ano/vol. 8, n° 15: Servilha: Universidade de Servilha, pp. 20-35. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/282/28281502.pdf>.

ERCASTY & SEGUNDO. *Ambiente intelectual de “Ariel”* in: JÚLIO. Silvio. *José Enrique Rodó e o cinquentenário do seu livro “Ariel”*. Ministério da Educação e Cultura: Brasília, 1954.

FORACCHI, Maria Alice (org.). *Karl Mannheim: sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre* 2° Tomo. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

_____. *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946.

_____. *Urupês*, São Paulo: Brasiliense, 1994.

MAAS, Wilma Patrícia. *O cânone mínimo: o bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

MALDONADO, Edelmira Gonzalez. *El Arte del estilo em José Enrique Rodó: Analisis de El Camino de Paros*. San Juan: Editorial Edil, 1968.

MAZZARI, Marcos Vinícius. *Romance de formação em perspectiva histórica: o Tambor de Lata de G. Grass*. São Paulo: Ateliê





América Latina, Globalização e Cultura

Editorial, 1999.

ROCCA, Pablo. *Enseñanza y teoría de la literatura em José Enrique Rodó*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2001.

RODÓ, José Enrique. *Ariel. Motivos de Proteo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976.

_____. *Ariel*. Salvador: Livraria Progresso, 19__.

Notas

¹ A guerra entre Estados Unidos e Espanha pela independência de Cuba no final do século XIX, motivou uma crítica severa de Rodó ao modelo norte-americano de organização política e modernização econômica, bem como o ideário intervencionista expresso, conforme ele, na Doutrina Monroe. O utilitarismo e pragmatismo norte-americano colocariam a perder algumas das contribuições europeias à nossa formação, como o espírito juvenil e alegre.

² Este texto compõe o livro *A onda verde*, de 1921.

³ A idéia de formação no campo das análises literárias é estudada a partir do conceito *Romance de Formação* (Bildungsroman). O *locus* de onde esse gênero (ou sub-gênero) advém é a Alemanha, de modo que não temos a intenção de aplicar o “conceito” de modo aleatório, confundindo assim realidades discrepantes. Nos interessa a percepção de possibilidades interpretativas, como as obras

dos autores aqui enfocados nos sugerem. Como propôs Maas (2000), é possível hoje falarmos de uma história desse gênero para além do ambiente cultural e literário. Uma maneira peculiar do termo *Bildungsroman* é “adaptada” a contextos particulares da literatura brasileira e de outros países em desenvolvimento. O livro de Goethe, *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, escrito entre 1793-95, é considerado conforme Mazzari (1999), como o protótipo do romance de formação, pois representou um momento fundamental de toda cultura alemã. Com meios estéticos inédito, Goethe empreendeu a primeira grande tentativa de retratar e discutir a sociedade de seu tempo, de maneira mais global: “No centro do romance está a questão da formação do indivíduo, do desenvolvimento de suas potencialidades sob as condições históricas dadas” (MAZZARI, 1999, p. 67).

⁴ Mencionado juntamente com outros autores, dentre eles, Octávio Paz, no livro *El niño en la cultura del Uruguay*, organizado pela poetisa Juana Ibarborou, onde se define uma espécie de “programa” de como deveria ser este gênero literário no país, no ano Internacional da criança, em 1979, cujo financiamento esteve a cargo do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina).

⁵ Segundo Antonio Candido (2006), em seu texto *Literatura e Subdesenvolvimento*, Dário e todo o movimento mo-





Grupo de Trabalho 01

América Latina, Globalização e Cultura

dermista hispânico representou uma ruptura na soberania literária que a Espanha exercia, porém esse fator não partiu de recursos expressivos originais, e sim da adaptação de processos e atitude francesa. “O que os espanhóis receberam foi a

influência da França já coada e traduzida pelos latino-americanos, que deste modo se substituíram a eles como mediadores culturais (CANDIDO, 2006, p. 184).

